

Quem Lê, Lê para quê?

Quem lê, lê para quê? Para encontrar, ou para encontrar-se? Quando o leitor assoma à entrada de um livro, é para conhecê-lo, ou para se reconhecer a si mesmo nele? Quer o leitor que a leitura seja uma viagem de descobridor pelo mundo do poeta (designo agora por poesia, se mo permitem, todo o trabalho literário), ou, sem o querer confessar, suspeita que essa viagem não será mais do que um simples pisar novo das suas próprias e conhecidas veredas? Não serão o escritor e o leitor como dois mapas de estradas de países ou regiões diferentes que, ao sobreporem-se, tornados até certo ponto, um e outro, transparentes pela leitura, se limitam a coincidir algumas vezes em troços mais ou menos longos de caminho, deixando, inacessíveis e secretos, espaços não comunicantes, por onde apenas circularão, sozinhos, sem companhia, o escritor na sua escrita, o leitor na sua leitura?

José Saramago, in 'Último Caderno de Lanzarote'

A Revolução da Bondade

Acho que a grande revolução, e o livro *Ensaio sobre a Cegueira* fala disso, seria a revolução da bondade. Se nós, de um dia para o outro, nos descobríssemos bons, os problemas do mundo estariam resolvidos. Claro que isso nem é uma utopia, é um disparate. Mas a consciência de que isso não acontecerá, não nos deve impedir, cada um consigo mesmo, de fazer tudo o que pode para reger-se por princípios éticos. Pelo menos a sua passagem por este mundo não terá sido inútil e, mesmo que não seja extremamente útil, não terá sido perniciosa. Quando nós olhamos para o estado em que o mundo se encontra, damos-nos conta de que há milhares e milhares de seres humanos que fizeram da sua vida uma sistemática acção perniciosa contra o resto da humanidade. Nem é preciso dar-lhes nomes.

José Saramago, in " Folha de S. Paulo, Outubro 1995"

O Destino Desconhece a Linha Recta

O destino, isso a que damos o nome de destino, como todas as coisas deste mundo, não conhece a linha recta. O nosso grande engano, devido ao costume que temos de tudo explicar retrospectivamente em função de um resultado final, portanto conhecido, é imaginar o destino como uma flecha apontada directamente a um alvo que, por assim dizer, a estivesse esperando desde o princípio, sem se mover. Ora, pelo contrário, o destino hesita muitíssimo, tem dúvidas, leva tempo a decidir-se. Tanto assim que antes de converter Rimbaud em traficante de armas e marfim em África, o obrigou a ser poeta em Paris.

José Saramago, in 'Cadernos de Lanzarote (1994)'